



A Santa Sé

CELEBRAÇÃO DAS PRIMEIRAS VÉSPERAS POR OCASIÃO DO 500º ANIVERSÁRIO DA INAUGURAÇÃO DA ABÓBADA DA CAPELA SISTINA

PALAVRAS DO PAPA BENTO XVI

*Capela Sistina, Solenidade de Todos os Santos
Quarta-feira, 31 de Outubro de 2012*

[[Vídeo](#)]

Venerados Irmãos

Queridos irmãos e irmãs

Nesta liturgia das Primeiras Vésperas da solenidade de todos os Santos, nós comemoramos o acto com o qual, há 500 anos, o Papa Júlio II inaugurou o afresco da abóbada desta [Capela Sistina](#). Agradeço ao Cardeal Bertello as palavras que me dirigiu e saúdo cordialmente todos os presentes.

Por que recordar este acontecimento histórico-artístico numa celebração litúrgica? Antes de tudo porque a Sistina é, por sua natureza, um ambiente litúrgico, é a *Capela magna* do Palácio Apostólico Vaticano. Além disso, porque as obras artísticas que a ornamentam, sobretudo os ciclos de afrescos, encontram na liturgia, por assim dizer, o seu ambiente vital, toda a riqueza e plenitude do seu significado. É como se, durante a acção litúrgica, toda esta sinfonia de figuras se animassem, em sentido espiritual, mas inseparavelmente também estético, porque a percepção da forma artística é um acto tipicamente humano e, como tal, envolve os sentidos e o espírito. Em poucas palavras: a [Capela Sistina](#), contemplada em oração, tem ainda mais beleza, é mais autêntica; revela-se em toda a sua riqueza.

Aqui tudo vive, tudo ressoa em contacto com a Palavra de Deus. Ouvimos o trecho da *Carta aos Hebreus*: «Vós, porém, aproximaste-vos do monte de Sião, da cidade do Deus vivo, da Jerusalém

celeste, das miríades de anjos, da assembleia dos primogénitos...» (12, 22-23). O Autor dirige-se aos cristãos e explica que para eles se realizaram as promessas da Antiga Aliança: uma festa de comunhão que tem Deus, e Jesus, o Cordeiro imolado e ressuscitado, como centro (cf. vv. 23-24). Toda esta dinâmica de promessa e cumprimento nós temos aqui representada nos afrescos das paredes longas, obra dos grandes pintores umbros e toscanos da segunda metade do século XV. E quando o texto bíblico prossegue dizendo que nos aproximamos «da assembleia dos primogénitos que estão inscritos nos Céus, do Juiz que é Deus de todos, do espírito dos justos que atingem a perfeição» (v. 23), o nosso olhar eleva-se para o Juízo final de Michelangelo, onde o fundo azul do céu, recordado no manto da Virgem, dá luz e esperança a toda a visão, bastante dramática. «*Christe, redemptor omnium, / conserva tuos famulos, / beatæ semper Virginis / placatus sanctis precibus*» — canta a primeira estrofe do Hino latino destas Vésperas. E é precisamente o que nós vemos: Cristo redentor no centro, coroado pelos seus Santos, e ao lado d'Ele Maria, em acto de intercessão suplicante, como se quisesse mitigar o tremendo juízo.

Mas esta tarde a nossa atenção dirige-se sobretudo ao grande afresco da abóbada, que Michelangelo, por encargo de Júlio II, realizou em cerca de quatro anos, de 1508 a 1512. O grande artista, já célebre por obras-primas de escultura, enfrentou o empreendimento de pintar uma superfície de mais de mil metros quadrados, e podemos imaginar que o efeito produzido sobre quem a viu completada pela primeira vez certamente foi deveras impressionante. Deste imenso afresco precipitou sobre a história da arte italiana e europeia — dirá Wölfflin em 1899 com uma bela e já célebre metáfora — algo comparável com uma «violenta torrente de montanha portadora de felicidade e ao mesmo tempo de devastação»: nada permaneceu como antes. Giorgio Vasari, num famoso excerto das *Vite*, escreveu de modo muito eficaz: «Esta obra foi e é deveras a lanterna da nossa arte, que tanto enriqueceu e iluminou a arte da pintura, que foi suficiente para iluminar o mundo».

Lanterna, fogo, iluminar: três palavras de Vasari que não permaneceram distantes do coração de quem estava presente na Celebração das Vésperas daquele dia 31 de Outubro de 1512. Mas não se trata só de luz que vem do sábio uso da cor rica de contrastes, ou do movimento que anima a obra-prima de Michelangelo, mas da ideia que percorre a grande abóbada: é a luz de Deus que ilumina estes afrescos e toda a Capela Papal. Aquela luz que com o seu poder vence o caos e a obscuridade para doar vida: na criação e na redenção. E a [Capela Sistina](#) narra esta história de luz, de libertação, de salvação, fala da relação de Deus com a humanidade. Com a genial abóbada de Michelangelo, o olhar é estimulado a percorrer a mensagem dos Profetas, à qual se juntam as Sibilas pagãs à espera de Cristo, até ao princípio de tudo: «No princípio Deus criou o céu e a terra» (*Gn* 1, 1). Com uma intensidade expressiva única, o grande artista desenha o Deus Criador, a sua acção, o seu poder, para dizer com evidência que o mundo não é produto da obscuridade, do caso, do absurdo, mas deriva de uma Inteligência, de uma Liberdade, de um acto supremo de Amor. Naquele encontro entre o dedo de Deus e o dedo do homem, nós percebemos o contacto entre o céu e a terra; em Adão Deus entra numa relação nova com a sua criação, o homem está em relação directa com Ele, está chamado por Ele, é a imagem e semelhança de

Deus.

Vinte anos mais tarde, no Juízo Universal, Michelangelo concluirá a grande parábola do caminho da humanidade, levando o olhar ao cumprimento desta realidade do mundo e do homem, ao encontro definitivo com o Cristo Juiz dos vivos e dos mortos.

Rezar esta tarde nesta Capela Sistina, envolvidos pela história do caminho de Deus com o homem, admiravelmente representada nos afrescos que temos por cima de nós e em nosso redor, é um convite ao louvor, um convite a elevar ao Deus criador, redentor e juiz dos vivos e dos mortos, com todos os Santos do Céu, as palavras do cântico do Apocalipse: «Amén, aleluia. [...] Louvai o nosso Deus, todos vós, servos, vós que o temeis, pequenos e grandes! [...] Aleluia. [...] Rejubilemos e exultemos, demos graças a Ele» (19, 4a.5.7a). Amém.